

# Dias de calor perigosos para a saúde aumentaram 300%

written by Maria Paulo | 29 de Outubro, 2025



As alterações climáticas elevaram em mais de 300% os dias de calor com valores perigosos para a saúde em 2024, em relação à média anual de 1986-2005, segundo um relatório divulgado esta terça-feira.

Em média, a população mundial foi exposta no ano passado a um recorde de 16 dias quentes adicionais e que ameaçaram a saúde, com os mais vulneráveis a sofrerem 20 dias de ondas de calor.

Segundo o documento, a exposição ao calor resultou num recorde de 639 mil milhões de horas potenciais de perda de produtividade laboral em 2024, com perdas superiores a um bilião de dólares, quase 1% do PIB mundial.

O 9.º relatório Lancet Countdown on Health and Climate Change, da revista científica The Lancet, revela também que as secas e

ondas de calor **aumentaram o número de pessoas em situação de insegurança alimentar** moderada ou grave em 123 milhões em 2023, em comparação com a média anual entre 1981 e 2010.

Os **sistemas alimentares insustentáveis** também contribuem para as alterações climáticas e as **dietas pouco saudáveis e com elevado teor de carbono** **contribuíram para 11,8 milhões de mortes** relacionadas com a alimentação em 2022, que poderiam ser em grande parte evitadas através da transição para sistemas alimentares mais saudáveis e amigos do clima, segundo o documento.

A investigação sobre a relação entre as alterações climáticas e a saúde humana alerta ainda que os **atrasos na adoção de energias limpas** levam a que mais de dois mil milhões de pessoas usem combustíveis poluentes nas suas casas, e que em 65 países com pouco acesso a energias limpas a poluição atmosférica resultou em 2,3 milhões de mortes evitáveis em 2022.

***“Após nove anos de monitorização global, é claro que estes danos à saúde são o preço que estamos a pagar pelo fracasso consistente dos líderes globais em tomar as medidas necessárias para combater as alterações climáticas e proteger a saúde”***, disse Stella Hartinger, diretora do relatório regional do “Lancet Countdown” para a América Latina e autora do relatório global, citada no comunicado.

Este preço, acrescentou, foi pago ***“mais severamente pelos países vulneráveis que menos contribuíram para a crise”***.

Além dos danos crescentes já identificados, o relatório indica que o retrocesso político nas ações climáticas ameaça ***“condenar milhões de pessoas a um futuro de doenças, desastres e morte prematura”***.

Atualmente, acusam os autores do documento, os bancos privados estão a apoiar esta ***“expansão mortal dos combustíveis fósseis”***, com os 40 maiores credores do setor dos combustíveis

fósseis a investirem coletivamente um valor recorde de 611 mil milhões de dólares em 2024 (um aumento de 29% em relação a 2023). Um valor que excedeu os empréstimos ao setor verde em 15%.

A dependência excessiva de combustíveis fósseis e a ***“incapacidade de adaptação às alterações climáticas estão a custar vidas, saúde e meios de subsistência, com 12 dos 20 indicadores que monitorizam as ameaças à saúde a atingirem níveis sem precedentes”***, alertam os cientistas.

O documento aponta que a **inércia face às alterações climáticas está a custar milhões de vidas todos os anos** e pede mobilização geral para intensificar os esforços para reduzir as emissões de GEE.

Mas acrescenta que, até agora, não houve capacidade para conter o aquecimento global, pelo que a **taxa de mortes ligadas ao calor aumentou 23%** desde a década de 1990, chegando a 546.000 por ano.

Segundo os autores do relatório, **só em 2024 a poluição atmosférica causada pelo fumo dos incêndios florestais esteve associada a um número recorde de 154.000 mortes.**

E o potencial médio global de transmissão da dengue aumentou até 49% desde a década de 1950.

Outros números em destaque no documento indicam que os governos gastaram coletivamente 956 mil milhões de dólares em subsídios aos combustíveis fósseis em 2023.

E entretanto ***“as gigantes do petróleo e do gás continuam a expandir os seus planos de produção – para uma escala três vezes superior à que um planeta habitável pode suportar”***.

É preocupante, dizem os cientistas, que **15 dos 87 países responsáveis por 93% das emissões globais de dióxido de carbono (CO2) tenham gasto mais em subsídios líquidos aos**

**combustíveis fósseis do que os seus orçamentos nacionais de saúde em 2023.**

O documento também diz que, se alguns governos estão a **recuar nos compromissos climáticos**, há ações positivas em curso, que salvam anualmente 160.000 vidas só por não se usar carvão na produção de energia.

**“A destruição de vidas e meios de subsistência continuará a aumentar até que acabemos com a nossa dependência dos combustíveis fósseis e intensifiquemos drasticamente os nossos esforços de adaptação”**, alerta no comunicado Marina Romanello, diretora executiva da “Lancet Countdown” na “University College London”, uma universidade pública de Londres.

Apontando as energias limpas ou a adaptação das cidades às alterações climáticas como soluções para evitar uma catástrofe climática e trazer benefícios reais para a saúde, a responsável acrescenta: **“A rápida eliminação gradual dos combustíveis fósseis continua a ser a alavanca mais poderosa para desacelerar as alterações climáticas e proteger vidas”**.

Também a mudança para dietas mais saudáveis e amigas do clima e sistemas agrícolas mais sustentáveis **“reduziria significativamente a poluição, os gases de efeito estufa e a desflorestação, podendo salvar mais de dez milhões de vidas por ano”**, refere.

O documento, produzido em colaboração com a Organização Mundial da Saúde (OMS), diz também que enquanto as emissões relacionadas com a energia batem novos recordes, mais de 128 milhões de hectares de floresta foram destruídos em 2023 (um aumento de 24% desde 2022), diminuindo a capacidade natural do mundo de mitigar as alterações climáticas.

O relatório representa o trabalho de especialistas de 71 instituições académicas e agências da ONU em todo o mundo. É publicado pouco antes da 30.<sup>a</sup> conferência da ONU sobre o clima, que este ano se realiza em Belém, no Brasil, de 10 a 21

**de novembro.**

OC/MP